




N.º 110 — Lisboa, 10 de março

5.º ANO
1915



PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se ás sextas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA
PREÇO AVULSO 40 RÉIS
Um mez depois do publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 2000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 5000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 1000 » | Africa e India Portuguesa, anno. 2000 »
Cobrança pelo correio..... 500 » | Estrangeiro, anno 52 numeros... 3000 »

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accoitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Anuario Commercial
5, Calçada da Gloria, 5
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34.

Ordem do dia

M. de S.

Existencia tocada pela vara do Maravilhoso.

Itinerario olympico, grande destino social — á Morny.

Nasceu na Pesqueira e parece ter nascido, como Eugenio de Rastignac, n'uma novella de Balzac.

Não é um homem: é um astro.


Proporções principescas.

Tem sempre um talher pósto á meza do rei de Inglaterra e um quarto sempre á sua espéra no paço do rei de Portugal.

Caso raro de fortuna publica.

E', na loteria da vida, o homem fabuloso que tirou a sorte grande.





PARODIA

N.º 110 — LISBOA, 10 DE MARÇO

5.º ANNO 1905

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 Réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 25000 rs. | Brazil, anno 32 numeros... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros... 12000 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 25000 rs.
Cobrança pelo correio... 5000 rs. | Estrangeiro, anno, 32 numeros... 35000 rs.

NOTA — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data, com prorroga de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho.

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

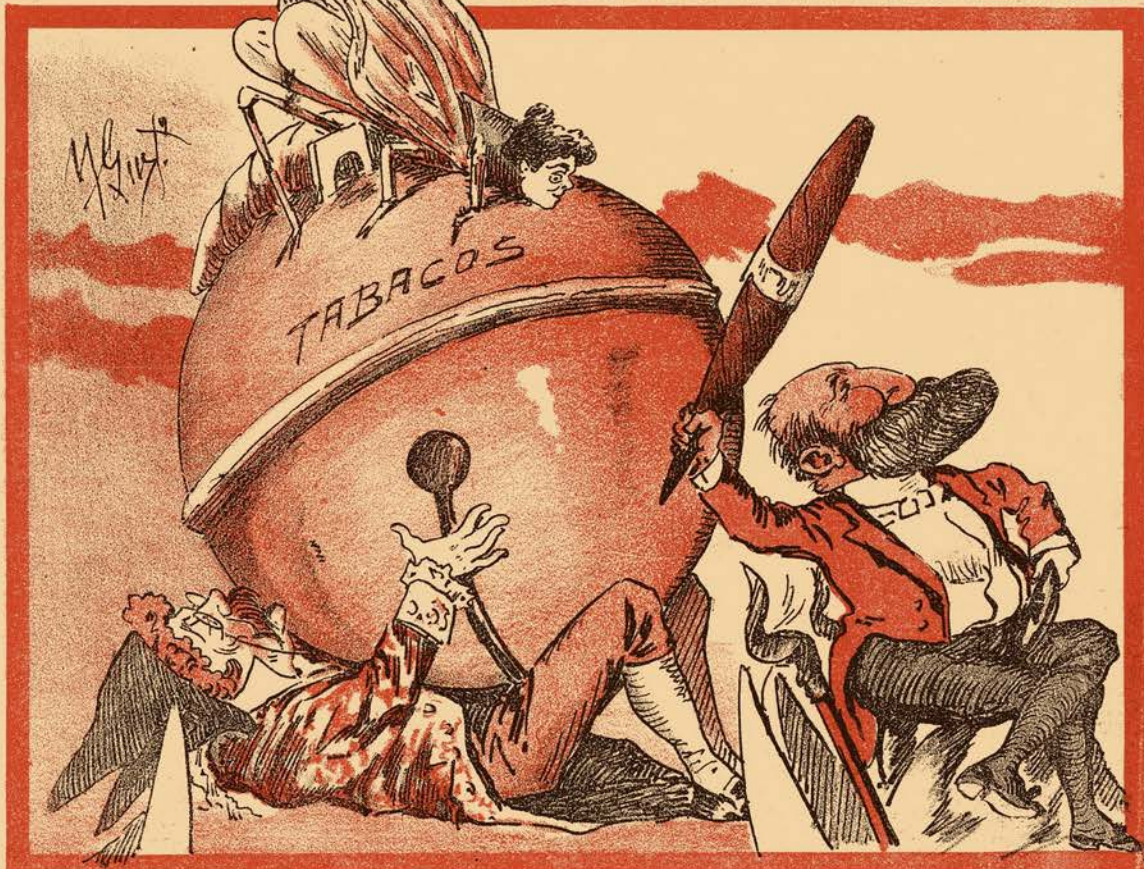
82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua de Almada, 32 e 34

CARNAVAL DE 1905



O Carro do Rei Carnaval, ou a questão dos tabacos

O CARNAVAL BURGUEZ



Quem foi que fallou primeiro em «civilisar» o carnaval?

Quem o fez, pelo menos exprimiu-se mal.

A idéa de civilisar implica um estado geral de barbarie, e não ha factos barbaros sem uma sociedade barbaresca. Onde está o facto, está a sociedade.

Ao nosso carnaval, por exemplo, faltavam o gosto, a graça e a elegancia que caracterizam as manifestações das sociedades civilisadas.

Era o carnaval que não estava civilisado?

Não!

Eramos nós.

O carnaval não é um facto social diferente de outros tantos que constituem manifestações de viver social. E' apenas um mais, e n'elle se mostra a sociedade, tal qual ella é, muito, ou pouco civilisada. Pretender que a sociedade está civilisada e que só elle não o está, é incorrer n'um evidente absurdo. A expressão «carnaval civilisado» é esse absurdo.

Os promotores d'esta reforma de costumes observaram que as festas carnavalescas se caracterisavam por manifestações rudes; que em vez de cordealidade havia brutalidade, em vez de galanteria, grosseria, em vez de elegancia, máo gosto, em vez de espirito, estupidez, e acreditaram que estes costumes eram temporarios.

Por outras palavras, os promotores d'esta reforma acreditaram que no meio da civilisação portugueza havia tres dias de barbarie, que esses tres dias se chamavam—o Carnaval, e propozeram-se, segundo a sua expressão—«civilisar» o carnaval.

O termo é improprio.

«Policia» o carnaval estaria bem. «Enriquecer» o carnaval seria perfeito. «Civilisar-o» não, porque a civilisação não se applica aos factos, mas aos individuos, e se os factos foram até certo ponto diferentes, os individuos ficaram sendo os mesmos.

O que se conseguin, graças a algumas medidas de policia e alguns premios, foi tornar o carnaval menos sujo e mais vistoso. O pó de gomma, o pó de sapato, o esguieho de agua deixaram de emporcalhar o transeunte e, por outro lado, alguns patriotas desejosos de contribuir para o levantamento da patria pelo esplendor dos factos exteriores pozaram em contribuição o seu gosto e a sua fortuna trazendo para a rua, nos tres dias carnavalescos, alguns carros ricos e algumas ricas mascaradas.

Que amanhã, porém, fraqueje o rigor policial, que se dissolvam as commissões promotoras das festas, que deixe de haver premios em objectos d'arte e em dinheiro e tudo voltará á antiga.

Chassez le naturel, il revient au galop, que se traduz: *esperem-lhe pela volta*. A volta aos antigos costumes seria irremediavel, porque os costumes que se procura reformar não são os que estão na anormalidade dos tres dias do carnaval, mas os que estão na normalidade da tradição da vida publica.

A nossa tradição é plebeia. Em Portugal nunca houve senão duas classes: a nobreza e a plebe, tão confundidas, que em certos momentos da historia não ha maneira de distinguir uma da outra. A burguezia é uma classe de forasteiros, que ainda não tomou pé. E' a emproada burguezia liberal, endinheirada, politica, conselheiral e burocratica.

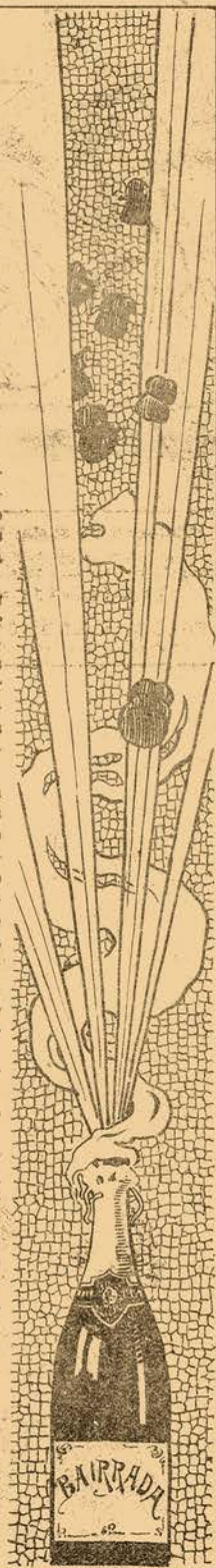
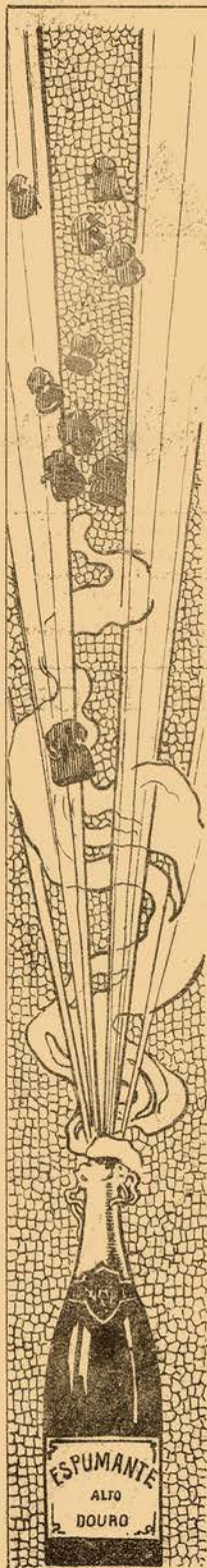
O carnaval era da nobreza e da plebe. Quer dizer: o carnaval era plebeu.

O que se pretende fazer? Um carnaval burguez.

O resultado é um carnaval de classe.

E' vér simplesmente as ruas: estão cheias de mirones, que esperam o carnaval, como mais tarde, na Quaresma, hão de esperar o Senhor dos Passos. A nobreza tem desaparecido, refugiada na saudade do Passado, que em tudo morreu, mesmo no carnaval. A plebe, coacta, passeia melancolicamente o seu constrangimento, vendo passar o Carro das Bengalas, ou o automovel dos senhores Burnays. A policia vigia, com a mão no terçado, prompta a correr sobre a primeira transgressão. Sente-se que pesa sobre a sociedade n'esses tres dias, uma oppressão nova e que essa oppressão é, precisamente — a Civilisação.

JOÃO RIMAANSO.



O CONCURSO DAS MONTRAS

O concurso das montras foi uma de todos os diabos — para nós.

Com effeito, os senhores lojistas não se limitaram a fazer phantasia industrial: fizeram politica, fizeram allusões, fizeram ditós. Uma tabacaria do Chiado foi mesmo mais longe e fez uma pagina de caricatura, com tão completo exito que foi apprehendida pela policia, e nós perguntamos a nós próprios, vivamente alarmados, o que nos resta fazer depois d'isto?

A concorrência não pôde ser mais franca e — não hesitamos em reconhecerlo — a vantagem está toda do lado dos senhores lojistas. Elles vão ter as nossas receitas, sem ter as nossas despesas. O nosso credito perante o publico só se faz á custa de uma obra muito lenta e pertinaz de trabalho. Os trezentos e sessenta e cinco dias do anno são insufficientes para esse effeito. Um máo numero destroe muitas vezes a impressão salutar de vinte numeros bons. Escorregar, no terreno resvaladio da nossa actividade é — cair.

Os senhores lojistas fazem um numero ou antes uma montra, e o seu credito está fundado, a sua fortuna feita. A casa Mimoso desata como nunca, a vender chapéus, a casa Affine modas e confeções e a *Estrella Polar*, nossa illustre collega da imprensa, vê fugir-lhe pela porta os seus *Mimosos*, *Ferreirinhas*, *Elegantes* e *Incriveis*.

Depois do exito d'este certamen, que tão calamitosamente nos toca pela porta, nós vamos fechar os escriptorios da *Parodia* e abrir — um estanco.

Não faremos um numero todas as semanas: faremos mais — faremos uma montra todos os dias, com a condição, porém, de que o publico nos recompense comprando-nos os nossos charutos.

Para esse effeito, nós, que já estamos habilitados com um editor, vamo-nos habilitar com a Companhia dos Tabacos, e se o sr. Burnay nos der a ajuda que esperamos do seu espirito de iniciativa, não tardará que annunciemos assim:

A PARODIA

Gambios e Loterias

Tabacos nacionaes e estrangeiros
RUA DOS MOUROS, 37

RESTOS DO CARNAVAL

Apontamentos perdidos por um reporter e encontrados por nós



Algumas ornamentações de janellas nas ruas do Corso offereciam muita curiosidade. Por exemplo:

Companhia das Lezirias, na Rua do Almada. Muitos cobrejões e poucos dividendos. Grandes espigas de permeio. Nos intervallos, pontas de chifre.

Hotel Borges, no Chiado. Ornamentação simples, mas de effeito seguro: todos os hospedes á janella. Deputados da provincia e velhas brasileiras.



Antiga casa Alexander, dentista. Janellas occupadas pelas melhores freguezas da casa, senhoras da boa sociedade. Ornamentação de dentes postiços, dentes chumbados, e dentes careados.



Sociedade do Bem. Nada mal.

Casa de modas Chamusco. Nas vitrines d'esta casa, diversos artigos marcados com preços muito reduziãos. Uma *sortie de bal*, que em outra occasião custa ali 8 libras, estava marcada agora por 4\$500. Quem passava e olhava, ria muito. Não sabemos por quê. Vendendo a por 4\$500 ainda a casa ganhava bastante.

As vitrines dos brilhantes Béra estavam exactamente como nos outros dias, com os mesmos brilhantes e os mesmos preços. Boa partida, realmente.

Em virtude da grande abundancia de nabos e nabijas, rabanos e rabanetes, e toda a sorte de hortaliça aproveitada como motivo de decoração, tornou-se muito sensível a falta de um hortelão no respectivo jury de premios.

Casa Mimoso. Tudo palha. Quando por lá passava algum membro da Academia, iam-se lhe os olhos.



QUARESMA



MEMENTO HOMO I...

Ao Rendez-vous des gourmets

Lisboa está sendo positivamente o *Rendez-vous des gourmets* das testas coroadas.

Depois do rei Eduardo e do rei D. Affonso, eis aqui a rainha Alexandra e, a curta distancia, o imperador Guilherme.

Afim de receber estes novos soberanos, já se fazem—dizem os jornaes os precisos preparativos.

Quaes?

Para receber o rei Eduardo e o rei de Hespanha metteram-se obras no palacio de Belem, construíram-se coretos, encanou se gaz, fizeram-se mastros e fizeram-se bandeiras.

Apparentemente tudo está feito e é só virem os reis. A côrte e a cida de estão preparadas para os receber. O palacio de Belem está mobilado: é só mudar os lençoes. Os coretos estão construídos: é só pol-os no seu logar outra vez. O gaz é só accendel-o.

N'estes termos, nada surprehende mais do que a noticia de que haja ainda alguma coisa a fazer para receber os novos soberanos que vem vindo.

A unica coisa a nosso ver que ainda ha mais a fazer é dar algum dinheiro mais—para as compras.

Coisas que ha para ver em Portugal

Para embellezar o programma de festas para recepção do Imperador Guilherme, esperado em Lisboa, consta ao *Diario de Noticias* «que o governo está organisando uma corrida de toiros».



Ainda havemos de ver o Club Tauromachico organisando uma reforma doCodigo Administrativo.

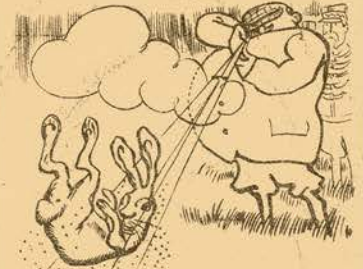
BUROCRACIA



—Ora, que espiga! deixar me dormir depois d'almooço! Agora que diabo heide eu fazer na repartição?...

PORTUGAL

NO ESTRANGEIRO



CAÇADA REAL

O'COELHO: — SE É POR ISTO QUE SE DIZ QUE OS PORTUGUEZES SÃO «TOUJOURS GAIS», DIABOS LEVEM SEMILHANTE ALEGRIA

Caricatura de CARAN D'ACHE no l.º numero da revista "JE SAIS TOUJ"º

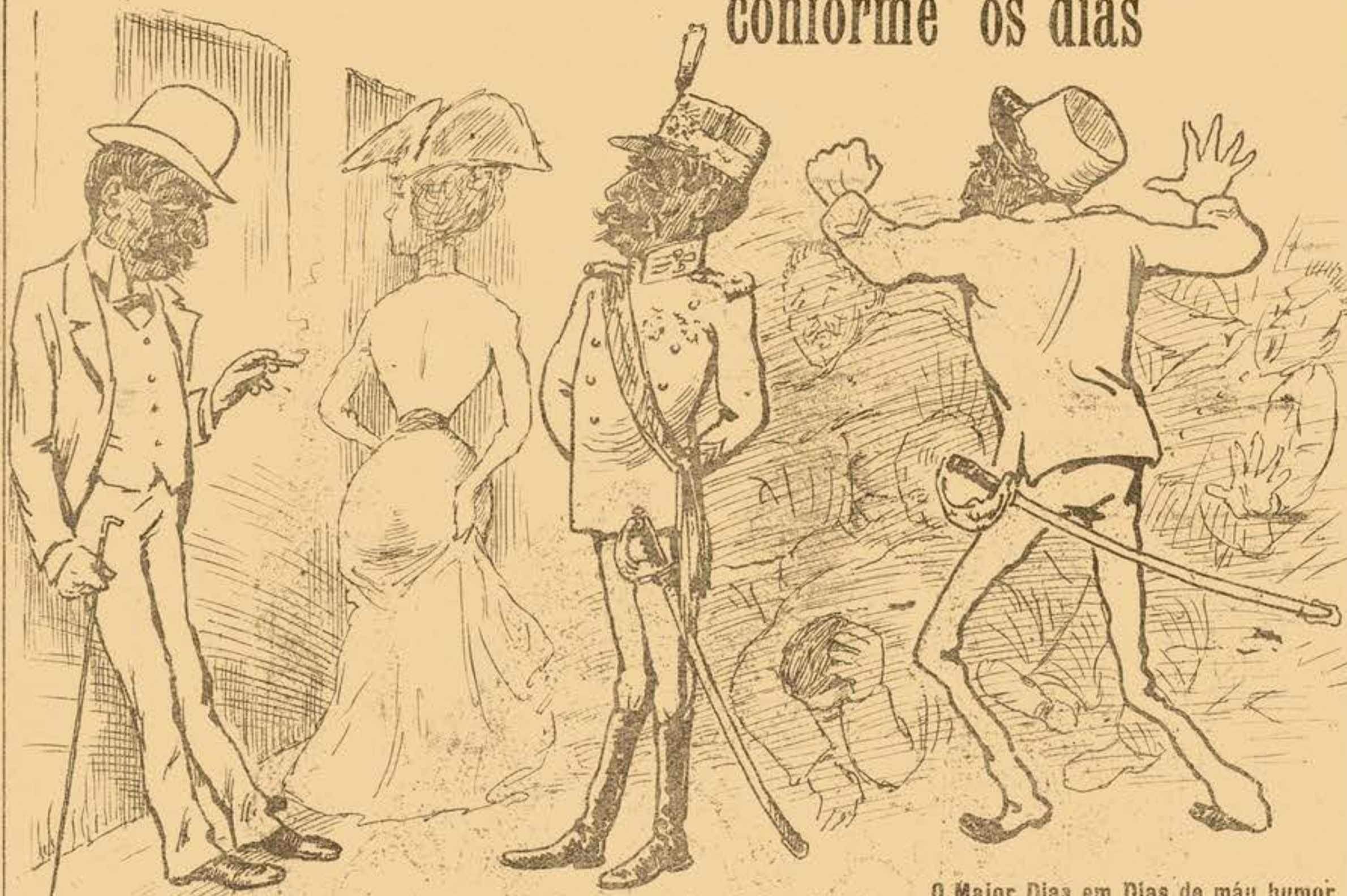
CAMPEONATO DE FORÇA



O Campeão de 1905... benza-o Deus!

O MAJOR DIAS

conforme os dias



O Major Dias em Dias de paz

O Major Dias em Dias de grande gala

O Major Dias em Dias de mau humor



O Major Dias em Dias de pret

O Major Dias em Dias amado

O Major Dias em Dias de entrudo

SANCHO



Carnaval Civilizado

